

Ter Certeza ou Estar Certo?

O que é melhor? Ter certeza ou estar certo? Tratam-se de duas situações aparentemente semelhantes, mas que retratam realidades completamente diferentes. Essa distinção não é tão desafiadora quanto o quinto postulado de Euclides, mas apresenta alguns desafios para a nossa compreensão, pois seus significados, diametralmente opostos, são frequentemente confundidos. Possuir certeza de alguma coisa é uma questão de convencimento íntimo, algo que é da natureza de muitas pessoas fazer de forma leviana, sem provas ou confirmações. Por outro lado, estar certo, é bem diferente, trata-se de algo fático e não interior. Além de caracterizar uma situação concreta, independe de se possuir certeza. Quem possui certeza de algo, é detentor de um sentimento agradável, que exclui a necessidade de provas e dispensa argumentos. Entretanto, é melhor estar certo do que ter certeza.

Existe uma miríade de situações cotidianas em que a maioria das pessoas tem certeza sem, no entanto, estarem certas. Isso pode ser demonstrado com um simples exercício de perguntas e respostas. Façamos duas bastante óbvias (ou não). Primeiro, de que cor é o céu? Posso afirmar que 99% das pessoas responderiam que é azul. Todavia, como já mencionei em outro artigo desse site, o que determina a cor do céu é a refração da luz nas camadas da atmosfera, por esse motivo, visto da Terra o céu se apresenta na cor azul, mas em outro planeta, como Vênus, o céu se mostra na cor rosa (constatação realizada por sondas que visitaram aquele planeta). Portanto, não é correto afirmar que o mesmo seja azul, sem especificar o local de onde o observador o apreciará. Mais uma pergunta: E a luz que vem do sol, qual é sua cor? A resposta mais frequente neste caso seria que a luz do sol é amarela e mais uma vez teríamos uma "certeza que não está certa". A luz do sol é branca, por diversos motivos. Primeiramente, não é fisicamente possível um astro emitir apenas um espectro da luz, um único comprimento de onda, mas isso requer algum conhecimento de física óptica para compreender completamente. Poderíamos começar com o princípio da independência dos raios luminosos, cuja demonstração pode ser vista em qualquer espetáculo com holofotes, quando as luzes de

dois deles se interceptam no ar. Quando dois desses feixes de luz se cruzam, em sua intersecção, as cores são combinadas, mas findo esse intervalo, cada raio de luz mantém seu próprio comprimento de onda ou, em outras palavras, sua posição no espectro luminoso (sua própria cor). Entretanto, há uma forma muito mais simples de se demonstrar a cor da luz proveniente do sol. Você deve se lembrar de ter ouvido a expressão "vamos colocar o preto no branco", pois bem, preliminarmente é preciso estabelecer o que é branco e o que é preto. Para simplificar começemos com a seguinte proposição: a união de todas as cores forma o branco e o preto, a contrário senso, não se trata de uma cor, mas da ausência delas. Um fato que pode ser demonstrado com um simples catavento. Basta pintar as hélices com as cores do espectro e ao girá-lo, o que induzirá a combinação das cores, veremos que ele se tornará branco com o movimento. O preto, que não faz parte do espectro, absorve todos os comprimentos de onda (todas as cores) e nada reflete, por isso nem o colocamos no catavento. O branco, ao contrário, reflete todas as cores do espectro (por ser a combinação de todas elas), por esse motivo, quando vemos uma folha de papel branca e a iluminamos com raios de luz de qualquer cor, está apresentará o aspecto da cor com a qual a iluminamos. Pois bem, se a luz do sol não fosse branca, seria impossível para nós vermos uma papel branco quando este fosse exposto a ela. Ele seria visto na cor amarela se está fosse a cor luminosa de nosso astro rei. Portanto, a luz do sol é branca. Neste caso, ao contrário do primeiro, não importa a localização do observador, que poderia estar em qualquer planeta ou localidade de onde o sol pudesse ser visto.

Uma vez que esteja bem compreendida a diferença entre estar certo e ter certeza, a qual podemos depreender do parágrafo anterior, cumpre-se frisar que poucas coisas são mais enganosas do que a certeza. Apesar disso, ela é defendida de modo feroz por aqueles que a possuem. Talvez, por ser um traço da psiquê humana a necessidade de estar certo ou por se caracterizar em um retrabalho. Pois, ao se admitir que não se está certo, surje a obrigação de idealizar um novo modelo para descrever a ideia outrora errada. O fato é que fazemos quase tudo para não ter que praticar o atroz ato de pensar novamente.

Por tudo isso, antes de falar alguma coisa é bom estarmos certos dela, embora não necessitemos ter certeza. Falando como um probabilista, a certeza e estar certo são dois eventos

distintos, possíveis e não mutuamente excludentes (o que implica na possibilidade da manifestação de ambos simultaneamente). Ocorre que, por mais contra-intuitivo que possa parecer, a indubitabilidade é algo, de certo modo, prejudicial, pois fecha as portas do intelecto para um novo conhecimento ou questionamento. Devemos manter a mente aberta a novas ideias e concepções, pois sempre podemos incorrer no erro de termos certeza de algo que não está certo. Não é sem motivo que convicções religiosas são revestidas com certeza, tudo para que não se possa correr o risco de descobrir que não se está certo e questionar a fé. E, no que concerne a esse assunto, eu ESTOU CERTO... de TER CERTEZA!